



João Mendes Coelho\*

## Folie à deux

# A Morte do Sonic

Lembro-me bem do som metálico que ecoava na minha infância, nos anos 90, sempre que o ouriço azul era atingido e, num instante, dezenas de anéis dourados se espalhavam por todo o lado, como sonhos caídos, difíceis de recuperar. Esse “Plim!” agudo e afitivo, a denunciar uma súbita fragilidade, ressoa hoje num mundo saturado de estímulos, onde a infância e a adolescência se desfazem diante dos nossos olhos.

Aos jovens ouriços destes dias opõe-se um império digital de convites incessantes: jogos, vídeos, apostas, redes sociais, pornografia, tudo à distância de um gesto, sempre disponível, na palma da mão. Crianças e adolescentes isolam-se numa rotina sem pausas, hipnotizados pelo encanto dos ecrãs. A Internet, as redes sociais, os jogos, sempre à espreita: “só mais um nível”, “só mais uma roleta”, “só mais um post”, “só mais um vídeo”, “só mais um scroll... infinito”. Aqui, as vidas pseudo-perfeitas dos influencers estilham as expectativas dos mais vulneráveis, sem a mínima hipótese de alcançar tamanha perfeição, fama ou fortuna. Ficam os miúdos ainda mais reféns dos ecrãs e o mundo real mais aborrecido, lento, sem brilho, sem cor. Sem sentido.

“Plim!”  
Nesse quadro de isolamento social, a obesidade avança, crescendo lado a lado com horas de inércia à frente dos ecrãs. O corpo habitua-se ao mínimo esforço físico e fica à espera de que tudo aconteça de imediato, pronto, sem as resistências normais da realidade. Ou, então, é a magreza extrema ou os corpos esculpidos a talhe de esteroides, copiando as imagens, retocadas digitalmente, dos novos semi-deuses.

As apostas emergem com a subtilidade de um veneno camuflado. Sob cores vivas e slogans de diversão em toda a parte, instila-se a mecanização do risco, com loot boxes e microtransações que acenam com mais prémios, mais emoção, mais tudo... Cresce-se no imediatismo, na ilusão do dinheiro fácil e a semente da adição germina, forte e feio, até não sobrar nada.

Entretanto, a pornografia espalha-se sem filtros. Oferece uma falsa conexão, fácil, reduzida ao prazer fugaz e sem laços afetivos. Apaga-se a descoberta partilhada, deixam-se de lado os caminhos da relação e os afetos ficam amarrados a fantasias que a vida real não consegue replicar. Seguem-se a frustração, a violência e o trauma nas

relações possíveis no mundo real.

Na *Geração Z*, os cérebros hiperdopaminados já pouco resistem ao apelo do próximo clique, da próxima aposta, dos reels, likes, friends e followers... Surge então a ansiedade, parasitária, que se entranha aos poucos mas corrói até à medula. Já não espantam os números de depressões, de diagnósticos de PHDA e os comportamentos suicidários nos jovens. É a demanda infinita pelo estímulo seguinte, que se desfaz, como os anéis dourados à deriva, quando a vida real simplesmente acontece.

“Plim!”  
Falta o convívio genuíno entre pares, falta o toque, faltam as brincadeiras tão simples quanto essenciais, falta explorar o mundo, onde erros, quedas, feridas e tropeços recorrentes são fatores de crescimento e não verdadeiros perigos. Em vez disso, as crianças avançam sobre areias movediças, desprotegidas, prestes a cair ao primeiro obstáculo, real ou virtual, na proximidade da vida adulta.

“Plim!”, outra vez. E todos os anéis dourados se perdem num sopro. É o Sonic ferido que, num grito derradeiro, profetiza: sem mundo real, afetos e relações, tentativa e erro, uma boa dose de frustração e uma ou outra conquista, não há saúde nem equilíbrio possíveis.

*Game Over.*  
Não há vidas extra na vida real. Lamento. Ainda assim, o desfecho não está traçado. Podemos parara montanha-russa e, numa atitude de revolta, desapertar o garrote, sair deste frenesim e recuperar a cadência lenta e serena do mundo concreto, onde os afetos se tocam com alma, a proximidade ganha relevo e onde há pausas, silêncios, ócio, dúvidas, relações verdadeiras, amor, dor... e, sobretudo, onde há possibilidades de sentido.

É urgente aprendermos a enfrentar estes novos loopings, para que não seja tarde demais para os jovens ouriços azuis que correm agora por aí.

\* Médico psiquiatra e adictologista

## Governo cria conselho para aprofundar parcerias com universidades norte-americanas

Criadas há quase duas décadas com vista a melhorar a formação dos doutorados portugueses, as parcerias com universidades norte-americanas vão entrar agora numa nova fase. O Governo aprovou, esta Segunda-feira, em Conselho de Ministros o novo modelo de governação, que inclui a criação de um conselho nacional para “alargar, aprofundar e maximizar o impacto” dessas parcerias.

“O Governo aprovou em Conselho de Ministros uma resolução que estabelece o novo modelo de governação para a quarta fase das parcerias internacionais com as universidades norte-americanas (Carnegie Mellon University, Massachusetts Institute of Technology, University of Texas at Austin e University of Berkeley)”, sublinha o Ministério da Educação, em resposta às questões colocadas pelo ECO.

De acordo com o gabinete de Fernando Alexandre, o “investimento significativo” implicado nesta nova fase das parcerias (“mais de 93 milhões de euros” entre 2025 e 20230) requer um novo modelo de governação, “por forma a dinamizar a actividade das parcerias e a maximizar o seu impacto e retorno nos sistemas científico, tecnológico de inovação e industrial nacionais”.



Ora, esse novo modelo recebeu “luz verde” esta segunda-feira em Conselho de Ministros, sendo regido por quatro pontos principais, segundo explica o referido ministério: acompanhamento estratégico integrado das parcerias com uma visão nacional do sistema científico, tecnológico de inovação e industrial; Transparência e igualdade de oportunidades na participação de instituições, cientistas e empresas nacionais; Prestação de contas através da monitorização regular e conjunta das parcerias; e

envolvimento de diferentes áreas governativas.

Além disso, o ministério liderado por Fernando Alexandre realça que, até agora, “não existia um órgão nacional com uma visão agregadora e integrada das parcerias com as universidades norte-americanas”, o que limitava o seu impacto. Por isso, são agora criados o Conselho Nacional de Acompanhamento das Parcerias e o Comité de Avaliação Externa Global das Parcerias.

Ao primeiro desses órgãos caberá “alargar, aprofundar e maximizar o impacto das parcerias, formular orientações estratégicas, recomendar novas iniciativas e alargar as áreas de colaboração científicas e tecnológicas, e aprovar um quadro de monitorização dos indicadores de desempenho”.

Esse conselho será constituído por um representante do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos, do Conselho Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, do Conselho dos Laboratórios Associados, da Associação Portuguesa de Ensino Superior Privado, do Ministério da Educação, Ciência e Inovação, do Ministério da Coesão Territorial e do Ministério

da Economia.

Já o Comité de Avaliação Externa Global terá como missão “realizar uma avaliação científica e técnica global das parcerias, com uma frequência anual, formular contributos sobre a escolha dos principais projectos de cada parceria a apresentar numa conferência anual e apresentar uma avaliação técnica detalhada intercalar, até 31 de Dezembro de 2027, e uma avaliação técnica detalhada final, até 30 de Junho de 2029”.

“A renovação das parcerias internacionais e o estabelecimento de um novo modelo de governação revela a aposta do Governo na excelência e na internacionalização do sistema de educação superior e do sistema científico e tecnológico nacionais”, acrescenta o Ministério da Educação.

E remata: “A excelência em Ciência e em Educação Superior tem de ser encarada como um pilar fundamental para impulsionar a inovação, reforçar a propriedade intelectual, aumentar a competitividade da economia portuguesa e a qualidade de vida no nosso país”.

O ECO questionou o Ministério também sobre o impacto da eventual queda do Governo nestas parcerias e novos órgãos, mas sobre este ponto não obteve respostas.